

## 14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

### **Design e opressão: cumplicidades históricas e solidariedades entre lutas**

SOUZA, Eduardo; Doutorando na UFPE; Professor IFPE;

souza.edrd@gmail.com

VAN AMSTEL, Frederick; Doutor; Professor na UTFPR;

usabilidoido@gmail.com

SERPA, Bibiana Oliveira;

bibianaoserpa@gmail.com

SILVA, Sâmia Batista e; Professora na UFPA;

samia79@gmail.com

MAZZAROTTO FILHO, Marco; Doutor; Professor na UTFPR;

marcomazzarotto@gmail.com

A Rede Design & Opressão é uma comunidade pedagógica distribuída geograficamente pelo Brasil que atende às demandas dos movimentos sociais por discutir opressão no campo do Design. Com as experiências realizadas e compartilhadas até então, constatamos a importância da participação crítica que implica os sujeitos, seja como opressores, seja como oprimidos. Nesse sentido, a despeito de suas diferenças de raça, classe e gênero, participantes críticos podem estabelecer laços de solidariedade para aprofundar suas leituras do mundo e, coletivamente, lutar contra a opressão. Portanto, buscamos explorar as maneiras pelas quais podemos reconhecer a cumplicidade histórica do design com as diversas formas de opressão e, por outro lado, cultivar a solidariedade entre as diferentes formas de luta pela libertação através do design.

**Palavras-chave:** Design e Opressão; Comunidade Pedagógica; Movimentos Sociais.

## 1 Apresentação do tema: Design e Opressão

Na América Latina, vivemos um contexto de intensa agitação social e política, que tem suscitado debates sobre as condições de existência — humana e de outros seres, especialmente as existências coletivas de determinadas classes, raças, gêneros e espécies. Em um cenário global, os processos de expansão da produção capitalista, tais como o imperialismo e as novas formas de colonialismo, têm sido questionadas por movimentos sociais e pensadores do Sul-Global (Sousa Santos e Menezes, 2020). Esses movimentos apontam para a necessidade da Universidade se posicionar em relação às contradições inerentes a esses processos, reconhecendo suas implicações na produção de conhecimento científico e na formação de cidadãos e profissionais. Respondendo ao chamado dos movimentos, diversos campos acadêmicos têm realizado debates sobre essas contradições, incluindo o campo do design (Schultz et al., 2018; Gutiérrez Borrero, 2015; Ansari & Kiem, 2021).

Para se posicionar contra esta conjuntura de expansão capitalista, a pesquisa em design tem demonstrado interesse no ativismo e nas coisas públicas (Björgvinsson et al., 2012; Fuad-Luke, 2013), mesmo que através de engajamentos limitados e, por vezes, despolitizantes, como a inovação social (Van Amstel et al., 2021). Após participar de alguns destes engajamentos em diferentes contextos (Silva, 2022; Souza e Cunha Filho, 2022; Silva e Lessa, 2019; Serpa e Costard, 2018; Azevedo; Souza; Cadena, 2018; Van Amstel, 2015), os proponentes desta conversa chegaram à conclusão de que era necessário incluir a contradição da opressão (Freire, 1974) nos debates realizados no campo do design, em especial nos espaços formativos, dada a necessidade de formação de designers que sejam capazes de politizar a sua prática projetual.

Em 2020, em função do isolamento provocado pela pandemia COVID-19 e a consequente necessidade de articular movimentos sociais no meio digital, fundamos a rede Design & Opressão, que surge como uma comunidade de aprendizagem crítica aberta a qualquer pessoa que deseja debater e aprender sobre as cumplicidades históricas entre design e opressão (Serpa et al., 2021; Van Amstel et al., 2021). O objetivo da rede é estabelecer laços de solidariedade entre todas as lutas contra a opressão que abordam o design como uma atividade política, uma ferramenta, um espaço ou uma questão relevante para os movimentos sociais.

A justificativa principal para estabelecer estes laços é a leitura crítica da opressão como força desumanizadora presente em todas as relações políticas, econômicas, culturais e educacionais marcadas pela desigualdade e diferença negativa, inclusive em relações de amanhadade estabelecidas pelo design (Gonzatto e Van Amstel, 2022). Essa força fica mais visível em situações-limite em que um grupo historicamente opressor cerceia de alguma forma a liberdade de um grupo historicamente oprimido, roubando o que lhes é capaz de humanizá-lo (Dalaqua, 2020; Freire, 1974).

Como aponta Freire (1974), a opressão é uma construção histórica e não uma relação natural. A opressão nos divide entre oprimidos e opressores, situação na qual ambos os grupos se desumanizam: o primeiro, por terem sua humanidade roubada; o segundo, por precisarem roubar a humanidade dos outros para constituir a sua. Essa divisão não é monolítica e inevitável, mas sim uma relação de conflito em que tudo pode acontecer. Esse entendimento dialético-existencial da opressão nos leva a reconhecer e lutar constantemente contra o opressor para restaurar o que nos humaniza, inclusive quando nós próprios desempenhamos o papel de opressores ao seguir padrões sociais irrefletidos. Isso nos leva à importância do

segundo fundamento da solidariedade, que é prezar tanto pelo processo de luta quanto pelo ideal de libertação (Serpa e Silva, 2021). Para serem coerentes e eficazes, as lutas pela libertação precisam ser construções coletivas, horizontais e dialógicas (Freire, 1974).

Estendendo esse princípio para o campo do Design, percebemos que a práxis do Design Participativo (Ehn, 1988) era a que mais se aproximava até então deste ideal. Os movimentos sociais nos alertam, entretanto, que não é qualquer participação que se presta à libertação das pessoas oprimidas. Participação pode ser um termo utilizado apenas demagogicamente, mas sem criar, de fato, práticas que incluam as pessoas nos processos decisórios, e promovam a responsabilização coletiva sobre estas decisões. Em casos ainda mais extremos, a pseudoparticipação pode servir como máscara para validação de processos violentos que não promovem uma participação crítica, mas sim performática. Essas perspectivas reduzem o design a uma sofisticação da dinâmica opressiva capitalista, como é o caso da participação limitada à criação de mercadorias mais ajustadas às demandas de mercado (Van Amstel, 2009).

A luta contra a opressão torna necessário pensar criticamente a participação, assumir as condições necessárias para que ela ocorra e encarar o processo intrinsecamente político de seu exercício. Politizar a participação é expandir o espaço projetual do saber-fazer em uma perspectiva descolonizada (Silva, 2022), com metodologias fundamentadas em experiências de lutas, como as do contexto latino-americano, em que a participação pode ser um meio efetivo de transformação das sociedades (Streck, 2017). A participação crítica que cultivamos com a Rede Design & Opressão é a que possibilita o diálogo e a contestação, e que tem como princípio a possibilidade da transformação da realidade a partir do encontro dialógico (Mazzarotto e Serpa, 2022).

Nesse tipo de projeto e investigação coletiva, o pensamento de Paulo Freire e outros pesquisadores latinoamericanos engajados com movimentos sociais nos inspirou não apenas a repensar as práticas em design, como também a problematizar as teorias relacionadas a tais práticas.

## 2 Justificativa e Relevância

Há um movimento crescente no campo do Design que luta pela recuperação de conhecimentos subalternizados e pela reparação material e política através de processos de construção de conhecimento e de práticas no design, que passam pela Descolonização do Design (Silva, 2022; Schultz et al, 2018b; Paim & Gisel, 2021; Ansari & Kiem, 2021; Van Amstel, em breve) e pelo Design Autônomo ou para o Pluriverso (Escobar, 2017; Noel, 2020; Leitão, 2020). A proposta do debate ao redor do tema de enfrentamento às opressões operadas pelo/no/a partir do design busca contribuir a esse movimento a partir de uma perspectiva latinoamericana que, ao mesmo tempo em que se aproxima destas outras vertentes, se afasta delas a partir de preocupações específicas (Silva, 2022; Gonzatto & Van Amstel, 2022; Mazzarotto & Serpa, 2022; Van Amstel et al., 2021).

Esta proposta de conversação no P&D Design 2022 possibilitará o compartilhamento de dinâmicas e questionamentos produzidos e acumulados nas atividades anteriores da Rede com os novos participantes, de modo a criar laços e vínculos para além das fronteiras geográficas e institucionais. Ou seja, ao participar da conversação, as pessoas interessadas passarão a integrar os espaços comunitários da Rede Design e Opressão, que conta com mais de 500 participantes no Brasil e no mundo. Nesse sentido, buscamos tecer não apenas uma rede de colaboração, mas também um corpo de conhecimento comum pela partilha de experiências e referências. Estamos ganhando estofos teóricos, pensando com os pés no chão, na certeza de

que a única forma de nos libertarmos é pela construção de corpos projetuais coletivos que, mesmo que pareçam monstruosos (Szaniecki, 2010), carregam em si uma força libertadora (Angelon e Van Amstel, 2021).

Repetidas vezes, os participantes dos debates promovidos pela rede reiteraram o desejo de extrapolar a noção de design (e de projeto) centrada em uma perspectiva de mercadoria/mercado. Afinal, não existiriam alternativas? Projetar é necessariamente oprimir? É possível transformar o design, como área de conhecimento e como atuação profissional, para que tenha papel relevante no enfrentamento às diversas formas de opressão? Talvez nesse espaço de conversação seja possível tecer novos laços de solidariedade entre pessoas que lutam contra a opressão em diferentes contextos projetuais.

### 3 Objetivos da Conversação

Considerando a historicidade da Rede Design & Opressão acima relatada, os objetivos desta conversação são:

- Apresentar as questões-chave que articulam design e opressão, especialmente no contexto latinoamericano e brasileiro;
- Promover o diálogo entre percepções e experiências de diferentes pesquisadores e militantes em relação ao tema design e opressão;
- Conectar e articular as comunidades pedagógicas que já vêm se formando ao redor das temáticas que tratam das opressões e dos processos de libertação pelo/no/a partir do design no contexto brasileiro.

### 4 Descrição da atividade

Na pedagogia freireana (Freire, 1974), o diálogo é fundamental para transformar o processo formativo em uma investigação participativa da realidade. Uma das diretrizes apontadas por Freire em direção a práticas anti-opressão é a criação de espaços adequados ao diálogo. Os espaços promovidos pela rede Design & Opressão buscam cumprir finalidade semelhante, por meio do debate e da troca de experiências entre participantes (Serpa et al., 2022; 2021). O diálogo permite a compreensão da diversidade de contextos que determinam e interferem no saber-fazer cotidiano dos designers, como na construção de comunidade de aprendizado proposta por hooks (2013). O espaço de diálogo escolhido para a atividade no P&D foi formado na plataforma Discord, cuja eficiência na aplicação de recursos pedagógicos remotos foi comprovada pela realização de dezenas de encontros pela Rede Design & Opressão, além de 2 cursos internacionais (Serpa et al., 2022; 2021).

A atividade foi permeada pelo uso de ferramentas e estratégias desenvolvidas por 4 complicadores<sup>1</sup> para estimular elaborações críticas coletivas. Além dos complicadores, participaram da conversação 13 pessoas inscritas (de um total de 48 inscritas). O encontro foi dividido em 5 momentos, distribuídos ao longo de 3 horas, com intervalo de 5 minutos após 1h30 de diálogo:

- a) Acolhimento;
- b) Apresentação dos princípios da Rede Design & Opressão (Serpa et al., 2022);
- c) Dinâmica “Caminhada de privilégios”.
- d) Dinâmica “Cartas dialógicas” (Mazzarotto & Serpa, 2022).
- e) Reflexão crítica de fechamento.

---

<sup>1</sup> Os complicadores são integrantes da Rede Design & Opressão que estimulam o debate, em alusão ao “coringa” do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (Serpa et al., 2022).

## 5 Resultados obtidos

As iniciativas em rede para que designers dialoguem sobre as opressões exercidas e vivenciadas vem permitindo a produção de conhecimento coletivo, reunindo pessoas de diferentes lugares, munidos de diferentes experiências. A conversação realizada por ocasião do P&D se mostrou como mais um passo dessa jornada, pelo qual pudemos testar novamente algumas estratégias pedagógicas e, ao mesmo tempo, aprimorar reflexões em prol da transformação do nosso campo.

Para suscitar tais reflexões, entendemos ser necessário preparar o ambiente para o diálogo, para acolher falas e dar atenção às partilhas de forma amorosa e cuidadosa (Van Amstel et al., 2021). Uma de nossas práticas recorrentes é a escuta compartilhada de canções de protesto nacionais e estrangeiras para gerar um espaço de acolhimento enquanto as pessoas “chegam” à plataforma e se familiarizam com seus recursos (Serpa et al., 2021). As canções convidam à transformação da realidade e cultivam o sentimento positivo de solidariedade e cuidado mútuo. Na ocasião, foram ouvidas as seguintes canções durante os intervalos e atividades práticas: *Apesar de Você* (2022), versão da música de autoria de Chico Buarque (1978) por Francisco El Hombre, e *Lucro* (Descomprimindo) (2016), de BaianaSystem.

Através desse encontro, pudemos igualmente confirmar que as articulações da Rede Design & Opressão vem mobilizando designers de todo o país, permitindo conhecer uma ampla gama de experiências de ensino, pesquisa, extensão e atuação no mercado. Dentre os participantes, a maioria informou já conhecer as iniciativas da Rede e também ter participado de encontros prévios. Inclusive destacaram a importância das transmissões de vídeo ao vivo (*lives*) realizadas durante a pandemia<sup>2</sup>, como resultados dos encontros para leitura de autores críticos (Serpa et al., 2021).

Para permitir a percepção sobre a coletividade que vem questionando as formas hegemônicas de pensar e praticar o design, temos a prática de demarcar nossas presenças, inclusive buscando demonstrar como as reflexões do Sul Global vem ganhando espaço nos debates sobre design (Van Amstel et al., 2021). Para tal, utilizamos mapas lúdicos em aplicativos de quadro branco<sup>3</sup> para que cada participante aponte sua localização. Nessa conversação, utilizamos um mapa da América elaborado por Bibiana Serpa (Figura 1) que ilustra trabalhadores do continente sobre o mapa. Com o mapa ficou evidente a presença de pessoas de diversos estados brasileiros: Pará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. O segundo mapa compartilhado tinha o objetivo de “aquecer” a conversa sobre diferenças através da partilha gastronômica. Cada participante podia colocar fotos de pratos típicos ou populares da sua região.

---

<sup>2</sup> As lives estão disponíveis no canal da Rede Design & Opressão no YouTube: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=design+e+opressão](https://www.youtube.com/results?search_query=design+e+opressão)

<sup>3</sup> [https://miro.com/app/board/uXjVPJ2Fbjs=/?share\\_link\\_id=579346720395](https://miro.com/app/board/uXjVPJ2Fbjs=/?share_link_id=579346720395)



Figura 1 – Mapa ilustrado com registros dos participantes com o aplicativo Miro.

Depois de aquecermos nossos corações (*corazonar*) por estarmos juntas, passamos a discutir os princípios pedagógicos elaborados pela Rede Design & Opressão (Serpa et al., 2022). Esses princípios servem como prismas de análise do campo hegemônico do design, incluindo suas teorias, metodologias e relações historicamente constituídas, tal como a relação de amaneiramento dependente entre designer e usuários (Gonzatto e Van Amstel, 2022). Os princípios foram sumarizados nas seguintes frases:

1. A opressão é uma força desumanizadora constante.
2. As lutas pela libertação precisam ser coletivas, horizontais e dialógicas.
3. Todas as pessoas têm o potencial criativo para transformar sua realidade.
4. Precisamos reaproximar os aspectos da vida que as opressões dicotimizam.
5. Nossas ações nunca são neutras, sempre políticas.

À medida que cada princípio era apresentado, quem quisesse podia expressar via áudio ou bate-papo escrito suas percepções quanto às práticas de design, seja sobre a relação de

amaterialidade entre designers, clientes e usuários, seja sobre processos participativos de design com movimentos sociais.

Após discutir os princípios pedagógicos, tivemos uma vivência para compreender como o princípio 1 permite desvelar os privilégios que incidem sobre a relação de amaterialidade entre o ser humano e o seu mundo (Gonzatto e Van Amstel, 2022). Na *Caminhada dos privilégio projetual*, pudemos refletir sobre as clivagens que determinam a produção de cultura material do design, tais como classe, gênero e raça. A caminhada consistia em responder uma série de perguntas sobre privilégios adquiridos através de projetos de design dando um passo à frente, caso a pessoa tivesse o privilégio, ou um passo atrás, quando não tivesse. Os passos foram representados por emojis de pés publicados em um canal de bate-papo escrito. As mensagens eram editadas e atualizadas a cada resposta, criando uma sensação de movimento no bate-papo (Figura 2).



Figura 2 – Caminhada do privilégio projetual com emojis.

Apesar da popularização da profissão – ocorrida não apenas pelo aumento vertiginoso da oferta de cursos de design em todo o Brasil como também pelo barateamento das tecnologias de projeto e produção, percebemos através desta atividade que o campo do design ainda é bastante elitista, ou ao menos é determinado por valores das elites, e, portanto, serve prioritariamente à manutenção de privilégios projetuais da elite.

No âmbito dos instrumentos que facilitem metodologicamente processos de libertação, especialmente em espaços pedagógicos em design, Mazzarotto & Serpa (2022) desenvolveram um baralho de cartas que permitem a designers apropriarem-se dos conceitos da pedagogia freireana aplicados ao design, enquanto prática dialógica ou antidialógica. Uma vez que a pedagogia freireana é resultante das lutas históricas vivenciadas por movimentos sociais, as categorias freireanas operam com uma gramática crítica e problematizadora da realidade, da qual o designer deve lançar mão em suas práticas projetuais caso se comprometa com a libertação dos oprimidos, incluindo a sua própria. Enquanto material educativo introdutório a uma pedagogia crítica aplicada ao Design, as cartas (anti)dialógicas são instrumentos que estimulam o debate e a incorporação das ideias de Freire de forma lúdica ao projeto de design.

Em nossa conversação, elas foram utilizadas para complicar uma conversa sobre a atuação — dialógica ou antidialógica — dos participantes em projetos de design. Enquanto os participantes discutiam as cartas, eles podiam reagir a elas com emojis, criando um panorama de emoções associadas. A carta Invasão Cultural recebeu 4 reações de emoji alienígenas, enquanto que a carta Síntese Cultural recebeu 3 reações de admiração e 2 de algo a ser construído (Figura 3).

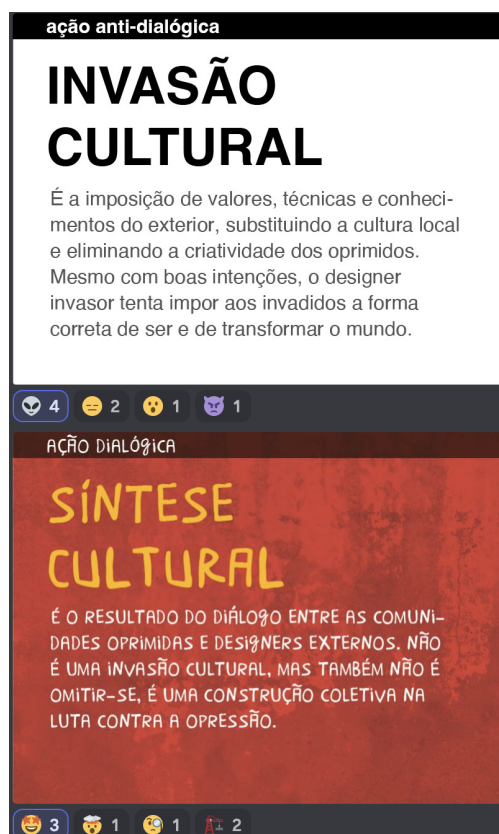


Figura 3 Exemplo de uma das duplas de cartas (anti)dialógicas utilizadas na conversação.

Após a realização das três dinâmicas, a conversação se encerrou com uma reflexão crítica sobre os temas levantados. Discutimos principalmente, sobre a objetificação do outro nas práticas do design. A superação da objetificação de pessoas diferentes como usuárias prescinde da autoafirmação crítica dos sujeitos. Nesse aspecto, as coletividades organizadas impõem-se como espaço de elaboração e materialização das lutas contra a objetificação. Essa luta se dá em um espaço projetual que já está populado com materialidades que fortalecem as relações de opressão por meio da diferença (como as de classe) e assim também determinam a constituição de cenários opressores. Essa materialidade adquire um nível ontológico na medida em que vela ou desvela a realidade da vida em sociedade. Sobre a capacidade coletiva para transformar a realidade, foram discutidas as alternativas ao conceito meritocrático de que todos são capazes de alcançar seus objetivos individualistas através da expressão de seu potencial. Nesse sentido, designers são tanto opressores quanto oprimidos, pois são identificados como criativos por estarem à serviço do capitalismo, mas por outro lado, são explorados como trabalhadores precarizados. Chegamos à conclusão que era preciso superar a meritocracia e a falsa consciência de classe para que designers críticos também possam

projetar artefatos libertários, junto a cooperativas de plataforma e outros coletivos que combatem a hiperexploração através da autogestão.

## 6 Desdobramentos possíveis

Segundo bell hooks (2013), uma comunidade pedagógica configura-se como um espaço de aprendizagem mútua, a partir das trocas resultantes do diálogo aberto, visando ao cruzamento das fronteiras de opressões por diferentes sujeitos. A despeito de suas diferenças de raça, classe e gênero, é possível testemunhar o surgimento da solidariedade entre esses sujeitos, a partir da compreensão e apreciação conjunta das diferentes posições em um espaço de diálogo. A solidariedade permite a constituição de espaços de confiança emocional (Serpa e Silva, 2021), e a rede Design & Opressão, por diversas vezes, precisou oferecer tal acolhimento a seus integrantes. A solidariedade mútua vem alimentando nossas práticas, e o P&D propiciou a ampliação de nossa comunidade ao promover a modalidade de Conversações entre participantes do evento.

Para transformar as realidades de opressão mediadas pelo e no campo do design, é necessário transformar práticas, superar metodologias paternalistas, capacitistas e excludentes, em prol de um design como prática de liberdade (Serpa et al., 2022), que seja capaz de transitar na contradição, reconhecendo as diferenças e enfrentando as desigualdades com a coragem de quem projeta com a consciência de si para si, de nós para nós (Souza e Cunha Filho, 2022). Ao tensionar as relações de opressão, vislumbramos novos cenários, nos quais a solidariedade e a humanização sejam possíveis. Como desdobramentos possíveis, a Rede Design & Opressão deve compartilhar os aprendizados fortalecidos com essa atividade através de uma publicação futura, com ênfase em possibilidades pedagógicas que contribuam para a politização de estudantes, profissionais e pesquisadores de design. Por hora, os resultados da dinâmica podem ser acessados em nosso servidor Discord<sup>4</sup> e servem de convite para que novas pessoas caminhem conosco em nossa trilha de aprendizagem em prol da libertação coletiva.

## Referências

- ANGELON, Rafaela; VAN AMSTEL, Frederick. **Monster aesthetics as an expression of decolonizing the design body**. art, design & communication in higher Education, v. 20, n. 1, p. 83-102, 2021.
- ANSARI, Ahmed. & KIEM, Matthew. **What is needed for change? Two Perspectives on Decolonization and the Academy**. In: Mareis, Claudia, & Paim, Nina (eds.). Design struggles: intersecting histories, pedagogies, and perspectives. Amsterdam: Valiz, 2021.
- AZEVEDO, Paulo Fidelis; A. SOUZA, Eduardo; CADENA, Renata. **Um panorama do Movimento Ocupe Estelita: design gráfico político e possíveis conexões**. Projetica, v. 9, n. 2Supl, p. 217, 2018.
- BJÖRGVINSSON, Erling; EHN, Pelle & HILLGREN, Per-Anders. **Agonistic participatory design: working with marginalised social movements**. CoDesign, 8(2-3), 2012, pp. 127-144.
- DALAUQUA, Gustavo Hessmann. **O que é opressão**. In ABREU, Janaina; PADILHA, Paulo Roberto (Org.) Aprenda a dizer a sua palavra. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020, pp. 81-88.
- EHN, Pelle. **Work-oriented design of computer artifacts**. 1988. Tese de Doutorado. Umeå University, Faculty of Social Sciences.

---

<sup>4</sup>Acesso ao servidor Discord da rede: <https://www.designeopressao.org/grupo-estudos/>

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2017.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FUAD-LUKE, Alistair. **Design activism: beautiful strangeness for a sustainable world**. Routledge, 2013.

GUTIÉRREZ BORRERO, Alfredo. **Resurgimientos: Sures Como Diseños y Diseños Otros**. *Nómad*, no. 43, 2015, pp 113–129. <https://doi.org/10.30578/nomadas.n43a7>.

GONZATTO, Rodrigo Freese; VAN AMSTEL, Frederick M. C. User oppression in human-computer interaction: a dialectical-existential perspective. **Aslib Journal of Information Management**, v. ahead-of-print, 2022. ISSN/ISBN: 20503806. <http://dx.doi.org/10.1108/AJIM-08-2021-0233>

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013

LORNE, Colin. **The limits to openness: Co-working, design and social innovation in the neoliberal city**. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 52(4), 2020, pp 747-765.

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs: An introduction to Design for Social Innovation**. MIT press, 2015.

MAZZAROTTO, Marco; SERPA, B. O. **Cartas (anti) dialógicas: politizando a práxis em Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire**. *Arcos* (Rio de Janeiro): design, cultura, material e visualidade, v. 15, p. 171-194, 2022. <http://dx.doi.org/10.12957/arcosdesign.2022.64305>

SERPA, Bibiana; COSTARD, Mariana. **Design Anthropology para muitos mundos possíveis**. *Arcos Design*, v. 11, n. 2, p. 7-25, 2018.

SERPA, Bibiana. O., VAN AMSTEL, Frederick. M. C., MAZZAROTTO, Marco., CARVALHO, Ricardo A., GONZATTO, Rodrigo. F., & BATISTA, Sâmia. **Design como prática de liberdade: a Rede Design & Opressão como um espaço de reflexão crítica**. In Alvear, C; Cruz, C; Kleba, J. (Eds.). *Formação para práticas técnicas engajadas*, Volume II. Campina Grande, Eduepb, 2021.

SERPA, Bibiana Oliveira; SILVA, Sâmia Batista e. **Solidarity as a principle for antisystemic design processes: two cases of alliance with social struggles in Brazil**. In: *Proceedings of Pivot 2021: Dismantling/Reassembling*, 22-23 July, Toronto, Canada. DOI: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0004>

Serpa, B.O., van Amstel, F.M., Mazzarotto, M., Carvalho, R.A., Gonzatto, R.F., Batista e Silva, S., and da Silva Menezes, Y. **Weaving design as a practice of freedom: Critical pedagogy in an insurgent network**. In *Proceedings of DRS2022: Bilbao*, 25 June - 3 July, Bilbao, Spain, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21606/drs.2022.707>

SCHULTZ, Tristan; ABDULLA, Danah; ANSARI, Ahmed; CANLI, Ece; KESHAVARZ, Mahmoud; KIEM, Matthew, PRADO DE OLIVEIRA MARTINS, Luiza, & VIEIRA DE OLIVEIRA, Pedro. **What Is at Stake with Decolonizing Design? A Roundtable**, *Design and Culture*, 10:1, 81-101, 2018. DOI: 10.1080/17547075.2018.1434368  
SILVA, Sâmia Batista e; LESSA, Washington Dias. **Modernização, Progresso e Desenvolvimento: Desafios Para o Design Na Construção de Perspectivas Locais Contra- Hegemônicas**. In *7th Sustainable Design Symposium*, 2019, pp 561–69. <https://doi.org/10.5151/7dsd-3.2.051>.

SILVA, Sâmia Batista e. **Design nas bordas: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará**. 2022. 198 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior

de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/18690>

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. **Introduction**. In: Knowledges Born In The Struggle: Constructing the Epistemologies of the Global South, Sousa Santos, B. de & Meneses, M. P. (eds). Routledge., 2020.

SOUZA, Eduardo ABM; CUNHA FILHO, Paulo Carneiro. **Student Strike as a Critical Pedagogy Practice in Graphic Design Education**. Diseña, n. 21, p. 5-5, 2022.

STRECK, Danilo Romeu. **Descolonizar a participação: pautas para a pedagogia latino-americana**. In: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, 2017, p. 189-202.

SZANIECKI, Barbara Peccei. **Disforme contemporâneo e design encarnado: outros monstros possíveis**. 2010. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

VAN AMSTEL, Frederick MC. **Políticas de Participação no Design de Interação**. In: Proceedings of the 4th Information Design International Conference/3rd InfoDesign Brazil/3rd Congic (Rio de Janeiro, Brazil). Sociedade Brasileira de Design da Informação-SBDI. 2009.

VAN AMSTEL, Frederick M.C. **Expansive design: designing with contradictions**. Tese de Doutorado, University of Twente, 2015. <https://doi.org/10.3990/1.9789462331846>

VAN AMSTEL, Fred Marinus Constant. **Decolonising Design Research**. In: Rodgers, P., & Yee, J. (Eds.). (forthcoming). The Routledge companion to design research. Routledge.

VAN AMSTEL, Fred Marinus Constant; BATISTA E SILVA, Sâmia; SERPA, Bibiana Oliveira; MAZZAROTTO, Marco; CARVALHO, Ricardo Arthur; GONZATTO; Rodrigo Freese. **Insurgent design coalitions: the history of the Design & Oppression network**. Proceedings of PIVOT 2021: Dismantling/Reassembling Tools for Alternative Futures. Design Research Society, 2021, pp. 167-182. DOI: doi: 10.21606/pluriversal.2021.0018